

## Manuel Maria da Costa Veiga

□ □ □

O mais antigo  
cinéfilo português  
recorda-nos o seu  
amor pelo Cinema

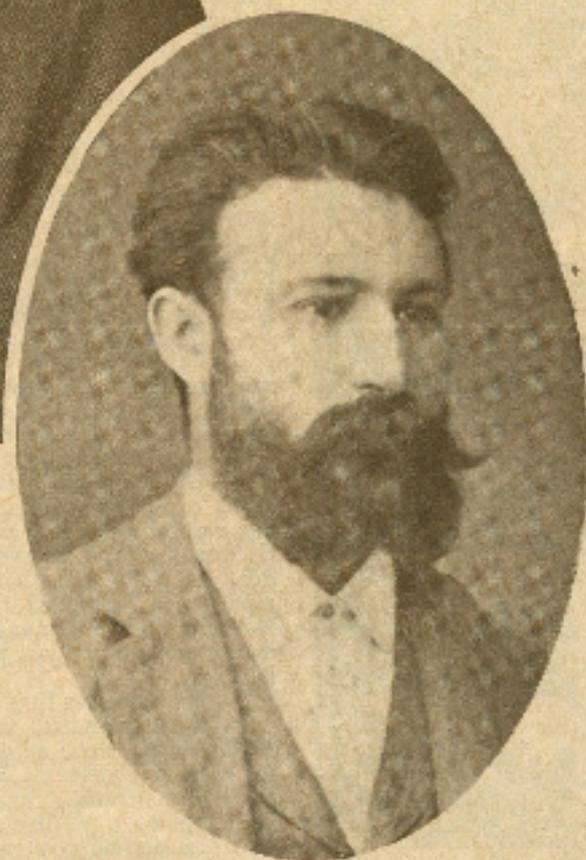


Manuel Maria da Costa Veiga, actualmente

**M**ANUEL Maria da Costa Veiga, o primeiro cultor do Cinema em Portugal, é um velho simpático e insinuante, que, no decurso de mais de três décadas, consagrou à Sétima Arte o melhor dos seus afectos e dos seus entusiasmos. Aquêles que vimos nascer e que acarinhámos ainda envoltos nas faixas infantis, aquêles cujos passos nos encantaram e cujos passos iniciais nos comoveram nunca mais o nosso coração os esquece e acompanha-os no seu crescimento, na sua evolução, no seu progresso, de perto ou de longe, com uma particular ternura em que alguma coisa de paternal existe. Costa Veiga viu nascer o animatógrafo; debruçou-se, cheio de curiosidade e de carinho, sobre o seu berço, e, quando em Lisboa se exhibiram, no Coliseu da rua da Palma, as primeiras lhas, já ele intervinha no sentido de que tal exhibição se efectuasse satisfatoriamente.

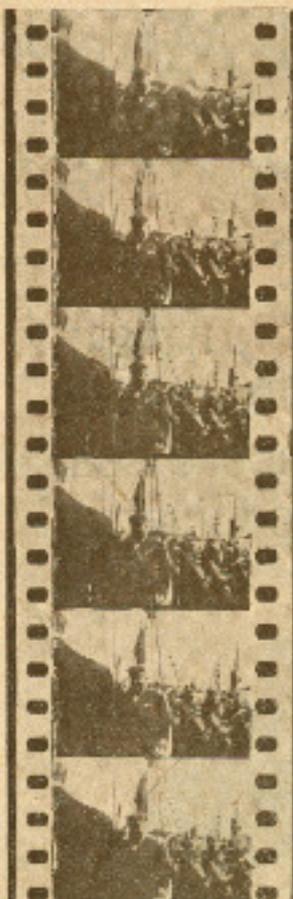
Ouçamo-lo:

—Tinha eu relações com a casa Edison, quando Santos Junior, mais tarde o comendador António Santos, indo a Espanha, viu lá as primeiras projecções animatográficas e decidiu trazer a sensacional novidade para Lisboa. O sr. Besby, que veio com o aparelho, procurou-me, porque tinha uma carta de apresentação e recomendação que me era endereçada. Nessa altura, Santos havia alugado à

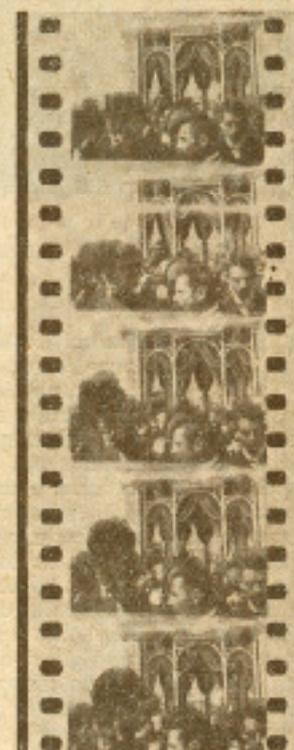
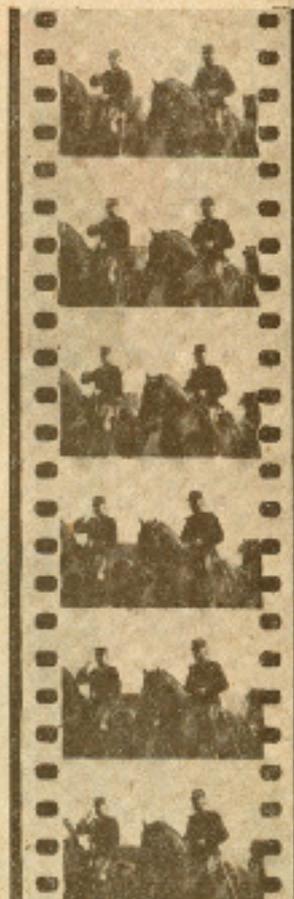
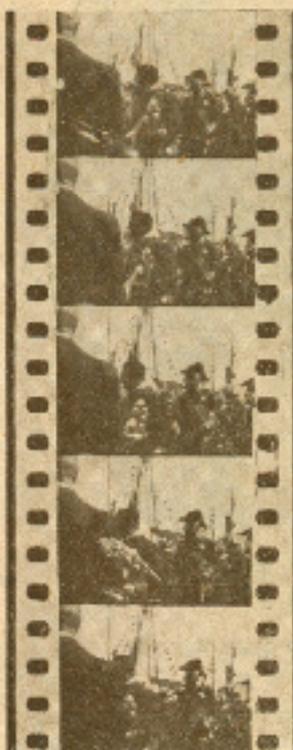


Costa Veiga, nos inícios do cinematógrafo

Companhia do Gaz um motor e um dinamo que fez instalar no Coliseu que dirigia, mas as experiências não deram resultado; e foi então que me procurou o homem. Fui ver e achei deficiente a instalação, reprovando-a. Quiz o exhibidor que me avistasse com o empresário. Acendi. Santos havia partido uma perna. Expuz-lhe claramente o que pensava: «Renove v. ex.<sup>a</sup> a instalação; arranje um motor de dez cavalos; de contrário, não consegue dar espectáculos que atraiam público». Santos Junior abespinnou-se;



O Rei D. Carlos I.  
Atrás, Hintze Ribeiro.  
Em baixo,  
o conde de Sabugosa  
(Filmes de Costa Veiga)



D. Luis Filipe  
e o coronel Antonio Costa.  
Em baixo, o pavilhão  
armado no Terreiro do Paço  
(Filmes de Costa Veiga)

«Então eu chamei um engenheiro para se ocupar deste assunto e o senhor vem dar-me sentenças?!» Quasi me mandou pôr fora! Apesar disso, pelo sim, pelo não, alugou um locomovel ao Manuel de Alcolena, que era genro do Alpista, modificou as coisas e os resultados foram um pouco melhores... A estreia no Real Coliseu — o da rua da Palma — foi a 18 de Junho de 1896. De tarde, sessão para a Imprensa; à noite, para o público. A geral custava um tostão. Representavam-se também comédias e revistas. Nesses dias do Animatógrafo, que foram de 18 a 22 de Junho, a Mercedes Blasco cantou canções em francês e o Joaquim de Almeida disse monólogos. Das fitas da estreia lembro-me das danças guerreiras, dos bailes parisienses e da Ponte Nova em Paris.

— Não pensou em deslortar-se da falta de atenção do empresário do Coliseu da rua da Palma?

— O Santos era assomadoço, mas nunca foi má pessoa. A minha desforra, porque eu estava ressentido, consistiu em escrever à casa Edison, que me pôs em contacto com o seu representante em Londres, para a aquisição de um aparelho projector, com o qual pensei em fazer exhibições no Coliseu dos Recreios, às Portas de Santo Antão. O empresário era Alexandre Mó, excelente rapaz, mas um pouco levantado, e o secretário era o Ernesto Destorges. Fizemos contrato. As enchentes durante oito dias foram completas. O Alexandre Mó, porém, não me pagou o que se comprometera a pagar. O operador era eu... Aborreci-me. Zanguei-me. Se ele me tem pago, poderíamos ter feito uma fortuna...

— O que se exhibia então?

— Fitas entre 25 e 30 metros, algumas coloridas, representando costumes, desfiles de tropas, danças, etc. e, para que o espectáculo se prolongasse, esses curtos episódios ligavam-se uns aos outros...

— Que novos contratos fez?

— Sousa Bastos procurou-me para apresentar o projecto da inclusão do animatógrafo na sua revista *Em pratos limpos*. Fizemos contrato. Gouveia e Silva, o cambista, era então um dos empresários do teatro da Trindade. Mas também este negócio, por motivos alheios à minha vontade, não foi por diante.

— O seu primeiro animatógrafo?

— Foi na Avenida da Liberdade, no prédio onde está agora instalada a empresa da Agua das Lombadas. Divergências com um sócio, que a ocultava minhas poz a casa em seu nome, levaram-me a desistir.

— Outros animatógrafos em Lisboa...

— O do Chiado, nos baixos dos grandes armazéns, e ainda o reclamo a este importante estabelecimento, feito das varandas, e que fazia juntar muitíssima gente na rua, tiveram a minha intervenção e lá trabalhei como operador. Mas fóra de Lisboa, em Cascais, com o auxílio do meu amigo Jaime Artur de Costa Pinto e do sr. Catalão, estabeleci, na Esplanada D. Luis Filipe, o primeiro animatógrafo, que depois passei para o parque do Visconde da Luz.

— As primeiras fitas que fez...

— O meu primeiro filme, que denominei *Aspectos da Praia de Cascais*, mostrava o sr. D. Carlos no banho e em seguida a visita de sua majestade ao «Sporting Club». Como o soberano demonstrasse desejo de adquirir esse filme, ofereci o positivo ao príncipe D. Luiz Filipe, tendo sido esse mesmo positivo apresentado com a régia autorização no Parque da sr.<sup>a</sup> Duquesa de Palmela. Quando os soberanos regressaram da sua visita oficial aos Açores, a 15 de Julho 1901, fiz também um documentário da chegada e da recepção no Arsenal da Marinha. Ainda tenho um charuto com que o senhor D. Carlos me presenteou. Depois filmei *Uma parada dos alunos da Casa-Pia de Lisboa*, película que vendi à «Companhia Cinematográfica de Portugal».

Entre outros filmes de actualidades ou documentários, que em seguida operei, contam-se as visitas oficiais de Eduardo VII, de Guilherme II, de Afonso XIII, do rei de Saxe, dos duques de Connaught, os exercícios de artilha-

ria no hipódromo de Belem, uma tourada à antiga portuguesa, etc. A fita da visita do imperador da Alemanha foi-me encomendada por uma casa de Berlim que me incumbiu de a impressionar apenas, pagando-me à razão de cinco marcos cada metro, mas reservando-se ela o direito de fazer a revelagem. Mandaram-me depois uma cópia que eu exibi e vendi, para o Rio de Janeiro. Da visita dos duques de Connaught ficou-me uma lembrança que me faz sempre pensar com simpatia e saudade no Príncipe Real. Dizia-se que as filhas dos duques ingleses tinham cá vindo para que sua alteza as visse e escolhesse noiva. Não escolheu nenhuma. Eu estive a bordo do navio de guerra britânico a filmar. O sr. D. Luís Filipe interessou-se muito pelo meu trabalho e esteve junto de mim, fazendo-me perguntas. Fiz-lhe presente de fotografias. Sua alteza era uma pessoa muito comunicativa e gentil. Ouvi dizer depois que a sr.<sup>a</sup> D. Amélia lhe estranhara que estivesse falando assim tanto à mão comigo. Não sei porquê!

— As 'suas' relações com empresas cinematográficas?

— Fui o fundador da «Portugal Film», cuja sede era em Algés. Pertenci como chefe de operadores à «Lusitania Film». A'esse tempo fizeram-se os filmes *Malmquist*, que decorria em Queluz, com Alda de Aguiar e Robles Monteiro, e *Mal de Espanha*, com Joaquim Costa e José de Azambuja, filmes que foram apresentados no Coliseu dos Recreios. Factos capitais do consulado de Sidonio, incluindo o seu funeral, também se filmaram. Por concluir ficou o filme *O homem dos olhos tortos*, extraído da novela *O mistério da rua Saraiva de Carvalho*, publicado na edição nocturna de *O Seculo*... Trabalhei muito para a «Companhia Cinematográfica de Portugal». Lembro-me ainda da filmagem da inauguração do monumento ao duque de Saldanha.

— Que pensa dos novos operadores ou, para melhor dizer, dos operadores novos?

— Belos rapazes, alguns dos quais começaram a trabalhar sob a minha direcção e alguns proveitos tiraram das lições que lhes dei. Cito Costa Macedo e Contreras, por exemplo. Recordo os nomes do Cardoso, da Invicta, e do capitão Ferrão, dos Serviços Cinematográficos do Exército... Na «Lusitania Film» trabalhei com toda a minha boa vontade. Os directores eram pessoas inteligentes e cultas, mas rapazes, muito rapazes... A primeira fita de Costa Macedo, uma fita comica, realizada em Bemfica, ficou, segundo creio, inédita. Chamava-se *Confusão de narizes*. Suponho que Leopoldo O'Donnell, que a encomendára, recusou-a por causa das legendas, que eram más.

E, depois de nos falar ainda de outras películas, Costa Veiga, exclama com um ar de satisfação e orgulho:

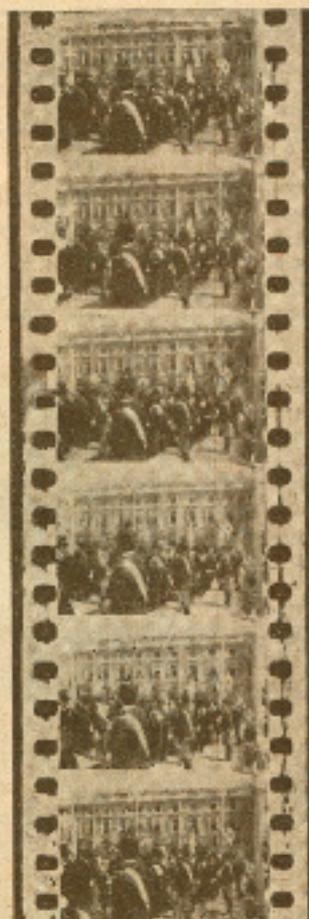
— Não devo, felizmente, nada a ninguém. Não tenho nada, é certo; passei a vida a trabalhar; ocupava todos os meus momentos livres com o Animatografo, mas não temo que alguém na rua me ponha a mão no ombro e me diga: «Pague-me o que me deve!»

— Inventou alguma coisa?

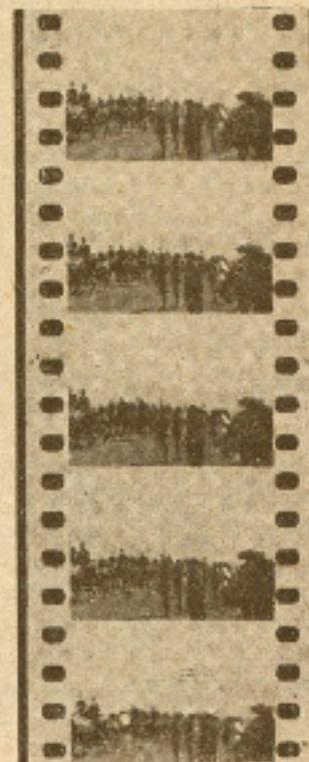
— Tenho uma adaptação, já realizada há anos, cuja patente me quizeram comprar, mas que me recusei a vender. Trata-se de um dispositivo, aplicado à máquina de filmar, e por meio do qual se consegue a deformação caricatural das figuras. Para fitas comicas, parece-me coisa graciosissima. O sr. Gotschalk pretendia adquirir o segredo e registá-lo e aproveitá-lo na Alemanha. Não quiz nem quero. As minhas experiências deram resultado.

— Se voltasse a fazer fitas, que assuntos preferia?

— Mais do que nunca, defendo e proclamo a função educativa e instrutiva do Cinema. São precisos muitos filmes que formem o espirito e o caracter e que deleitem sem desmoralizar. Bons filmes panoramicos portugueses também se tornam necessários. O Barros Queirós, que foi meu amigo e meu ministro, fez numa conferência o elogio da propaganda nacional realizada no estrangeiro com boas películas documentárias portuguesas. Estou plenamente de acôrdo com esta forma de pensar!



Uma recepção no Terreiro do Paço.  
Em baixo, o desfile de um cortejo real.



(Filmes de Costa Veiga)



D. Carlos e um régio nos seus estrageiros.  
Em baixo, o desfile de um cortejo real.

(Filmes de Costa Veiga)